

Revista-suplemento Limites: Uma proposta de abordagem humanizada sobre os deficientes físicos e sensoriais de Barra do Garças¹

Michelly Matos do NASCIMENTO ²

Nahida Almeida GHATTAS ³

Gesner Duarte PÁDUA ⁴

Universidade Federal de Mato Grosso – Campus Universitário do Araguaia, Barra do Garças (MT)

RESUMO

Este paper aborda o processo de concepção e produção da revista temática “Limites”, confeccionada para ser um suplemento do jornal laboratorial InfoCampus, do curso de Comunicação Social- habilitação em jornalismo da UFMT/ Campus Araguaia. O produto jornalístico é voltado à abordagem humanizada da vida e da rotina de pessoas portadoras de deficiência física, auditiva e visual. Foi idealizado a partir de três reportagens de perfil, realizadas com técnicas e estilos narrativos diferentes. Devido à falta de visibilidade e pouco espaço que a mídia oferece ao tema, a revista apresenta-se como uma alternativa para tratar essa pauta de maneira mais aprofundada e não estereotipada.

PALAVRAS-CHAVE: Revista-suplemento. Deficiência. Mídia. Reportagens humanizadas

1 INTRODUÇÃO

Segundo o Censo de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), há aproximadamente 46 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência no Brasil, seja ela mental, física, auditiva ou visual. Esse número corresponde a quase 24% da população do país. O dado demonstra que as pessoas deficientes são uma parcela representativa da população, mesmo que sejam enquadradas em uma minoria por não estarem nos padrões da maioria da sociedade.

Tendo em vista essa importância, era de se esperar que os meios de comunicação reservassem certo espaço para essa temática. O que se percebe, entretanto, é que na mídia nacional o assunto deficiência é apresentado de maneira deficitária e quando ele emerge, ocorre majoritariamente em duas vertentes: ou o deficiente é uma vítima, incapaz de se

¹ Trabalho submetido ao XVI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Jornalismo, modalidade JO 04 Revista-laboratório impressa (avulso/ conjunto ou série).

² Aluna líder do grupo e recém-graduada do Curso de Jornalismo da UFMT, email: michellymat@gmail.com.

³ Co-autora e recém-graduada do Curso de Jornalismo da UFMT, email: nahidaalmeida@hotmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do curso de Comunicação Social – Hab. em Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Universitário do Araguaia, email: gesnerduarte@hotmail.com

inserir por completo na sociedade, ou é um herói glorificado pela superação, imagem essa que pode ser percebida, por exemplo, quando são feitos os relatos sobre as vitórias dos atletas paralímpicos. Há ainda que se ressaltar que, quando o tema é abordado em reportagens, nem sempre se dá voz ao deficiente como fonte da informação, mas recorre-se a fontes oficiais.

É isso o que explica Ângela Merckx (1998, p. 2-3):

Eles dedicam pouco ou nenhum espaço para tratar do tema e, quando o fazem tratam-no de forma a reforçar os preconceitos que existem em relação à deficiência ou simplesmente enfocam a questão da cura, como se a realidade fosse demasiadamente desagradável ou complexa para ser levada em conta.

Qualquer alternativa jornalística que se contraponha à ausência ou tratamento inadequado do tema deve levar em consideração os apontamentos anteriores, especialmente a compreensão de como a mídia usualmente retrata o deficiente. Neste sentido, produzimos uma revista-suplemento para o jornal laboratorial impresso do curso de jornalismo da UFMT/Araguaia, o InfoCampus, que traz reportagens de perfil aprofundadas sobre deficientes físicos e sensoriais (auditivos e visuais) da região de Barra do Garças – MT, local onde circula o periódico.

O suplemento ou encarte é uma publicação jornalística que vem atrelada à outra, geralmente um jornal diário. Ele deve se adequar tanto a linha editorial quanto ao público do jornal, embora, geralmente, tenha um pouco mais de liberdade que o restante dos cadernos que compõe o jornal, tanto na abordagem editorial quanto nos aspectos gráficos, incluindo o formato.

Os suplementos têm a função de acrescentar alguma coisa aos jornais, mas devem seguir incondicionalmente as características da imprensa moderna. Ou seja, não só estão submetidos a regras básicas do discurso jornalístico (clareza, concisão e objetividade), como têm na venda seu objetivo primordial. (PENA, 2006, p. 40).

Essa publicação pode ter o mesmo número de páginas ou, como acontece com mais frequência, ser menor do que o jornal. É um produto jornalístico que pode se voltar a uma única vertente como moda, saúde, religião, esporte e até deficiência, que é o caso deste trabalho.

Entendemos que a elaboração das reportagens deveria se basear em modalidades de apuração que possibilitassem um acompanhamento maior da rotina dos personagens a serem perfilados. É por isso que foi escolhida como método de apuração a técnica da

observação em conjunto com a clássica entrevista jornalística, da forma que Pena (2006, p. 105) classifica como recurso do jornalismo literário.

2 OBJETIVO

O Objetivo era produzir um suplemento para o jornal laboratorial InfoCampus com reportagens de perfil, em uma abordagem humanizada e aprofundada sobre o tema deficiência. A pretensão é que o produto final não se limitasse apenas à distribuição junto com jornal laboratorial InfoCampus, mas também alcançasse um público maior por meio da veiculação na internet. O trabalho poderá contribuir como um contraponto em relação à forma como a grande mídia retrata algumas minorias, entre elas os deficientes físicos e sensoriais, em um fazer jornalístico diferenciado.

3 JUSTIFICATIVA

O tema Mídia e Deficiência foi escolhido, primeiramente, a partir do momento em que percebemos o pouco espaço que a imprensa oferece ao assunto. Quando os deficientes aparecem são retratados sob estereótipos de “vítimas” ou “heróis” e não de forma humanizada e complexa, como comenta Fernando Saker (2010, p.49), “Falta, ainda, uma visão mais humana dos jornalistas em relação à Deficiência”

A proposta do tema surgiu também quando percebemos que na imprensa local não é comum a abordagem dessa pauta. Em Barra do Garças existem 8 jornais impressos, 6 rádios e 4 emissoras de televisão. É perceptível que a imprensa privilegia o jornalismo policial e é raro encontrarmos reportagens sobre minorias como os deficientes físicos e sensoriais. Posteriormente, notamos que isso também não ocorre em âmbito nacional. A partir daí, entendemos que, quando o portador de necessidades especiais é retratado, o foco geralmente recai sobre sua deficiência, limitando-o a ela. Assim, faz-se necessário a proposição de uma abordagem diferenciada para o tema. Tal intenção não é essencialmente nova, visto que o relato humanizado já existe em outras pesquisas e documentos de determinada segmentação no jornalismo, no caso o Jornalismo Literário. A inovação que este trabalho propõe se encontra no tipo de abordagem jornalística e na combinação de modelos de narrativa que serão utilizados.

A opção pelo formato de revista-suplemento foi feita devido ao fato de este produto poder tratar de um único tema e possuir mais espaço para abordar o assunto com maior profundidade.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Neste trabalho, buscamos retratar a pessoa com deficiência de forma diferente da que observamos na maioria dos meios de comunicação, ou seja, de forma mais complexa e humanizada e não como uma vítima ou herói que tudo supera.

A Escola de Chicago, mais precisamente a metodologia etnográfica proposta por Ezra Park serviu de base para a apuração. Esse método corresponde às “monografias de bairro, observação participante e análise das histórias de vida” (MATTELART, 2012, p.33). Todos esses fatores servem para entender como funcionam as interações sociais e os atores que delas participam.

A primeira observação se deu no momento da seleção dos personagens a serem perfilados no suplemento. Através do conhecimento da existência dessas pessoas na cidade e após os primeiros contatos via telefone e e-mail, pudemos conhecê-los pessoalmente. A apuração foi realizada em três etapas. A primeira foi um contato pessoal, que aconteceu na residência de dois deles, sendo que o último foi nas dependências da universidade.

Na segunda etapa, que consideramos a mais complexa, passamos um dia acompanhando a rotina de cada um dos entrevistados, observando-os e interagindo com eles em seu ambiente doméstico e profissional. Com as duas primeiras fontes, (Surama Ribeiro da Silva Santos e Marilene Oliveira Santos) passamos esse tempo em suas casas. Devido à dificuldade de agendarmos uma visita particular com o último entrevistado (Paulo Ricardo Campos), optamos por nos matricular na disciplina de Libras que ele ministra na UFMT. Por mudanças na grade do curso de jornalismo, tivemos que abandonar as aulas de Libras. Meses depois, para melhorar o trabalho de observação, decidimos assistir uma aula como ouvintes.

Após o período de acompanhamento, retornamos o contato com cada um e marcamos a entrevista. Cada uma delas durou cerca de uma hora. Todas foram registradas no papel e no gravador. Cada entrevista teve as perguntas elaboradas de acordo com a pessoa, e sua respectiva deficiência. Na entrevista com o portador de deficiência auditiva, Paulo Ricardo Campos, contamos com a ajuda da intérprete Eva Emannelly Miranda Silva, por não dominarmos a linguagem de sinais. Nas três entrevistas, havíamos elaborado uma série de perguntas, porém demos abertura ao assunto que passou a fluir com facilidade, sendo assim, utilizamos a entrevista aberta como ferramenta. Sobre ela, Medina (1986, p. 11) explica:

[...] na entrevista aberta, sem a camisa de força do questionário fechado: o centro do diálogo se desloca para o entrevistado, ocorre liberação e desbloqueamento na situação inter-humana e esta relação tem condições de fluir, atinge-se a auto-elucidação.

Todas as etapas foram concluídas dentro de um período de tempo com cada uma das fontes. Ou seja, antes de prosseguirmos com o próximo personagem, finalizamos todo o processo com o anterior, além de termos produzido as fotos e redigido a reportagem final. Trabalhamos individualmente com cada personagem para alcançarmos a profundidade.

Passado esse procedimento, partimos para a diagramação. O programa que utilizamos para a maior parte do processo foi o Adobe InDesign CS5.5 no laboratório de jornalismo da universidade, durante cerca de duas semanas. Vale registrar que durante essa etapa, tivemos que descartar alguns trechos de texto devido à falta de espaço destinado a cada uma das reportagens, o que nos fez refletir sobre o papel do jornalista como editor.

Assim como qualquer publicação, o suplemento possui certos padrões em sua diagramação, como a fonte do corpo do texto (Chaparral Pro) e o tamanho (12). Nos títulos, variamos o tamanho e o estilo das fontes, a fim de que cada uma das reportagens tivesse uma estética visual diferente.

Em relação às fotos, não conseguimos encontrar espaço suficiente nas páginas para inserir outras, já que a ideia principal era privilegiar o texto aprofundado. Se cortássemos mais textos para colocarmos mais fotos, o suplemento perderia sua essência.

Após a finalização da diagramação, exportamos o arquivo em formato PDF e fizemos a impressão em papel sulfite A4, para visualizarmos como o produto ficaria materializado e checarmos possíveis erros. O último passo foi a impressão na gráfica.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O produto final deste trabalho, a revista-suplemento Limites, contém oito páginas coloridas, impressas em papel couché de tamanho 22,0x27,5. Escolhemos este nome, Limites, porque entendemos que todos nós enquanto pessoas temos limites, seja portando uma deficiência ou não. A sociedade automaticamente limita as pessoas portadoras de deficiência, seja em atitudes preconceituosas ou na falta de consciência em relação à acessibilidade.

Optamos pela produção de três reportagens de perfil em profundidade, sendo uma reportagem para cada duas páginas. Como o trabalho é focado em três tipos de deficiência: física, auditiva e visual, cada perfil trabalhado corresponde a uma dessas vertentes. Assim,

cada texto possui uma estrutura diferenciada, visto que decidimos criar um produto dinâmico e fazer uso da experimentação quanto à produção e à narrativa jornalística. Procuramos fugir do jornalismo padronizado, que faz uso do *lead*, que corresponde aos “[...] dois parágrafos iniciais, a parte mais importante de um texto jornalístico” (JORGE, 2008 p. 131), com suas tradicionais perguntas: como, o que, quando, onde, quem e por que e usamos elementos do jornalismo literário.

Diferentemente dos suplementos de jornais tradicionais, resolvemos deixar a parte do editorial na última página da publicação, já que queríamos que ela representasse nossa última palavra no periódico, com o intuito de dar voz primeiro aos personagens e depois apresentarmos as nossas impressões. A principal característica é o balão de fala, que é como se fosse a “nossa voz” dentro do suplemento. Nele descrevemos o que sentimos durante todo o processo e agradecemos às pessoas que gentilmente colaboraram com sua realização. Seguindo o padrão da capa, optamos novamente pela simplicidade ao dispormos poucos elementos na página e selecionarmos cores frias, não conflitantes entre si. Dessa maneira, as reportagens também estariam dispostas em páginas espelhadas, o que proporcionaria mais espaço e possibilidade de trabalhar melhor graficamente o conteúdo.

Com cada entrevistado, a abordagem foi diferenciada. As reportagens foram pensadas para seguirem, além da estrutura, uma linguagem e um aspecto visual diferente. Na reportagem da Surama Ribeiro da Silva Santos, conseguimos trazer um pouco do jornalismo literário, ao esquematizá-la em ordem cronológica, seguindo a linearidade. A ideia foi contar uma história que envolvesse desde sua adolescência até os dias atuais. Em relação à diagramação, optamos por usar imagens esmaecidas, com o texto sobreposto à elas. A ideia para as páginas foi deixá-las com um tom mais fluido, fazendo com que o texto “respirasse” melhor. As imagens escolhidas, de Surama e seu esposo, remetem à história que é contada na reportagem. Assim, resolvemos transformá-la visualmente, criando harmonia entre o texto e as imagens.

O segundo perfil é o do professor Paulo Ricardo Campos, que possui deficiência auditiva. Como a intenção era descrever cada história em uma estrutura narrativa diferenciada, dessa vez utilizamos uma linguagem mais coloquial, porém respeitando a norma culta da Língua Portuguesa em relação ao vocabulário e às regras gramaticais. No processo de apuração da reportagem, percebemos que alguns fatos curiosos, que se colocados de maneira formal, perderiam a sua essência. Logo, eles mereciam ser contados através de uma estética diferenciada, no caso mais informal.

Em relação à estrutura do texto, fizemos uma descrição, na primeira parte, sobre a observação que obtivemos a partir das aulas do professor. Posteriormente, desenvolvemos mais sobre a história do Paulo, relatando aspectos de sua vida pessoal e profissional. O conceito da linguagem virtual e mais informal, veio após a primeira versão da reportagem finalizada. O que tivemos que fazer foi uma adaptação para outra linguagem.

Em forma de postagens de blog, foi que dispomos o texto e os elementos gráficos nas páginas, para que se assemelhasse ainda mais com a linguagem da *web*. Seguindo essa linha, o uso de símbolos característicos da linguagem virtual, como *hashtag*, que é “palavra antecedida do símbolo cardinal (#), usada em blogues para identificar ou pesquisar determinados temas” (INFOPÉDIA, s.d.) e *emoticons*, que são a junção de símbolos gráficos que representam uma emoção, foi importante para tornar a página mais próxima com a de um blog. Como a ideia foi justamente deixar a reportagem o mais informal possível, ousamos em dispor as imagens de maneira disforme, com um fundo que remete à principal ferramenta de um professor em sala de aula: o quadro negro.

Na última reportagem tratamos da deficiência física com Marilene Oliveira Santos. Para tanto, resolvemos fugir da linearidade e ousar em sua estrutura. Nos inspiramos no modelo da biografia em fractais, proposta por Felipe Pena (2004), que consiste na criação de fragmentos, pequenos textos separados por capítulos independentes, mas que tratam de um mesmo assunto. É mais comum encontrar fractais em biografias, pela complexidade e inúmeras abordagens que podem ser dadas à vida de uma pessoa, já que uma estrutura linear pode não dar conta dessa complexidade. Quisemos também experimentar essa estrutura com as reportagens de perfil. “A biografia em fractais é uma opção para evitar a ilusão do diacronismo e apresentar identidades que se articulam em redes flexíveis e inesgotáveis”, segundo Pena (2004, p. 10). Antes de escrever a reportagem, já tínhamos em mente mostrar a história de Marilene dessa maneira. Cada fractal, disposto em ordem aleatória, corresponde a um aspecto de sua vida. O leitor pode começar por qualquer um dos fragmentos, sem que isso comprometa o entendimento global da história e o conhecimento da personagem ao final. Elaboramos uma reportagem em fractais justamente porque ela permite maior interação para o leitor, além de instigar sua curiosidade e dar liberdade a ele de criar seu próprio roteiro de leitura.

Em relação à diagramação das páginas dessa reportagem, decidimos posicionar o título no centro, já que dessa maneira não se perderia a essência do texto, posicionado em fractais. Usamos a técnica do contraste, ao colocarmos uma cor mais fria no fundo e uma

mais vibrante para dar destaque ao título. Optamos por não colocar legendas nas fotos, para fugir da estética do jornalismo tradicional e não guiar de maneira alguma a leitura.

Para a capa, escolhemos uma imagem que chamasse a atenção do leitor e ao mesmo tempo transparecesse simplicidade, por isso, adicionamos poucos elementos textuais na página. As chamadas das reportagens foram posicionadas na parte inferior, deixando o centro menos poluído.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho, consideramos que o aprendizado foi múltiplo, no sentido de captarmos diferentes percepções sobre um universo até então desconhecido e extremamente distante da nossa realidade, o que contribuiu para o afastamento da nossa zona de conforto. Percebemos que há uma diferença grande entre entrevistar uma pessoa durante alguns minutos, como acontece na maioria das vezes nesse modelo industrial de jornalismo dominante no mercado, e se inserir em seu contexto, acompanhar a sua rotina e só então partir para a produção da reportagem. Dessa maneira, torna-se mais fácil conhecer o indivíduo e tentar compreendê-lo. Foi essa a meta que traçamos desde o início deste projeto experimental.

Um dos principais motivos para a realização deste produto foi a discrepância entre o grande número de deficientes no Brasil, cerca de 46 milhões de pessoas, e a pouca visibilidade que a mídia lhes reserva. Entendemos que uma pessoa portadora de deficiência é muito mais do que a sua deficiência, do que alguém que vive em busca da superação. Este suplemento é uma tentativa de inserção do assunto na pauta jornalística, sob um olhar mais cuidadoso, trazendo essa discussão tanto para a academia quanto para a comunidade, visto que os personagens retratados fazem parte desse contexto local, como moradores de Barra do Garças.

Com a revista-suplemento pudemos nos aprofundar no tema deficiência, com o intuito de abordá-lo, jornalisticamente, de uma forma diferente da tradicional, não só no que diz respeito ao enfoque, mas também em relação à linguagem. Uma de nossas preocupações era que o periódico não se tornasse enfadonho, mas sim proporcionasse uma leitura agradável, com uma linguagem de fácil acesso e que fosse eficaz ao transmitir as informações que considerávamos socialmente importantes e pertinentes do ponto de vista jornalístico. Para que conseguíssemos isso, estabelecemos que cada uma das três reportagens teria uma estrutura narrativa, gráfica e um modelo diferente.

Com a primeira reportagem, utilizamos o estilo de jornalismo literário clássico em conjunto com a técnica da pirâmide normal. Já na segunda e última reportagem, ousamos na linguagem ao inserir um formato mais dinâmico e coloquial em forma de postagens de *blog*. E na terceira reportagem, escolhemos o método dos fractais, pequenos textos analisando aspectos diferentes de um mesmo, em que o leitor escolhe a sequência da leitura.

Do início ao fim, fomos cautelosas, como estudantes de jornalismo, em relação à utilização de palavras, termos e expressões que não denotassem preconceito ou estereótipo. Estamos cientes de que mesmo assim há o risco de tornar determinada fala ou trecho preconceituoso. Foi justamente por essa razão que utilizamos dois manuais de estilo sobre mídia e deficiência. Eles nos auxiliaram não somente na questão da terminologia, mas também nos alertaram para aspectos jurídicos e sociais pertinentes aos deficientes que ainda eram desconhecidos por nós.

Percebemos que o método da observação foi ideal para esse tipo de periódico, visto que não se trata de um produto com publicação frequente e sim esporádica. Tivemos tempo disponível para executar essa metodologia e verificamos que sua eficácia é positiva. Entretanto, admitimos que na prática jornalística diária, ela não seria tão viável, devido ao fator tempo. Mesmo assim, se o jornalista não dispuser de tempo para fazer uma abordagem humanizada, ele pode se adaptar ao método de aprofundamento, ao tornar a entrevista um diálogo, deixando que o entrevistado traga à tona qualquer assunto, mesmo que não lhe pareça essencial no momento. Dessa maneira, ele pode conhecer mais detalhes sobre a vida de sua fonte, do que se ficasse focado no questionário fechado.

Por mais que busquemos realizar um trabalho dentro de todo o planejamento, é impossível evitar que imprevistos aconteçam. Nossa maior dificuldade foi durante a produção da reportagem sobre o professor Paulo, pois primeiro tentamos cursar a disciplina de Libras, mas tivemos que deixá-la por conta de choque de horários com a grade do nosso curso. Depois, não conseguimos agendar um período para o acompanhamento do professor em sua residência. A saída foi fazermos a observação em uma de suas aulas, ministrada para o curso de Letras.

O resultado final é um suplemento de oito páginas, com histórias humanizadas de pessoas comuns que vivem suas vidas normalmente e convivem naturalmente com suas limitações. Esperamos que este trabalho contribua para que as pessoas possam olhar de forma menos preconceituosa e mais acolhedora àqueles que possuem deficiência física ou sensorial.

Para o jornalismo, a contribuição deste trabalho se dá a partir do momento que sugerimos o uso de uma abordagem em profundidade, que, mesmo que já exista, não é tão praticada, e também na possibilidade de experimentar novos modelos de narrativa nas produções jornalísticas, utilizados isoladamente ou em conjunto, conforme a natureza do tema e do veículo.

REFERÊNCIAS

INFOPÉDIA. **Hashtag**. Disponível em: <<http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/Hashtags;jsessionid=5ITchhCvfZrBjvIlnOs7ZQ>>. Acesso em 16 fev. 2014.

JORGE, Thaís de Mendonça. **Manual do foca: guia de sobrevivência para jornalistas**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

MATTELART, Armand, MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista - O diálogo possível**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

MERKS, Ângela da Costa Cruz Loures. **Mídia e Deficiência - Educação para a cidadania**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 21., 1998, Recife. **Anais eletrônicos...** Recife: UFPE, 1998. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/7318b2725de18cea95a2de57fe0b927b.PDF>>. Acesso em: 21 jan. 2014.

MINISTÉRIO DA AÇÃO SOCIAL. **Mídia e deficiência - Manual de Estilo**. Brasília: CORDE, 1992.

PENA, Felipe. **Biografias em fractais: múltiplas identidades em redes flexíveis e inescotáveis**. In: **Revista Fronteiras – estudos midiáticos** VI(1):79-89, janeiro/junho 2004. Disponível em: <<file:///C:/Users/User/Downloads/6579-19891-1-SM.pdf>>. Acesso em 20/01/2014.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

SAKER, Fernando A. Simões. **Jornalismo e pessoas com deficiência: Construção de conceitos e superação de estigmas por meio da comunicação**. São Paulo: s.n., Dissertação de Mestrado, Faculdade Casper Líbero, 2010.

SOARES, Murilo César. **Representações, jornalismo e a esfera pública democrática**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. Disponível em <<http://static.scielo.org/scielobooks/kgsw8/pdf/soares-9788579830181.pdf>> Acesso em: 8 de fev. 2013.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo - Volume II - A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Editora Insular, 2008.



VENÂNCIO, Mariza Carolina Sabino de Lima. A Etnografia no Jornalismo. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, 11.,2012, Palmas. **Anais eletrônicos...** Palmas: UFT, 2012. Disponível em:
<<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/norte2012/resumos/R29-0330-1.pdf>>.
Acesso em: 25 fev. 2014

VIVARTA, Veet (coordenação). **Mídia e deficiência.** Brasília: Agência de Notícias dos Direitos da Infância (Andi); Fundação Banco do Brasil. Disponível em
<http://www.andi.org.br/sites/default/files/Midia_e_deficiencia.pdf>. Acesso em 2 fev. 2014.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação.** Lisboa: Editorial Presença, 5 ed., 1999